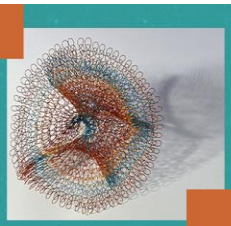
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 61
SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 61
AÇÃO E FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA O EDUCAR E O FAZER EM ARTE


# A CULTURA *HIP-HOP* NA PRIMEIRA INFÂNCIA: RELATO DE UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

## HIP-HOP CULTURE IN EARLY CHILDHOOD: REPORT OF AN INTERNSHIP PRACTICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

*Jeferson Leonardo Manfroni Cabral*
*Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas/RS, Brasil*

*Andrisa Kemel Zanella*
*Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas/RS, Brasil*

*Ana Cristina Ribeiro Silva*
*Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas/RS, Brasil*

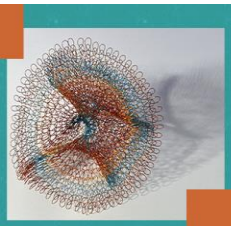
**Resumo:** O presente trabalho propõe relatar as experiências vividas na Educação Infantil durante o Estágio em Dança I do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nesse componente curricular, em que o estudante vivencia atividades docentes na Educação Infantil e/ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental, eu realizei a docência em uma turma de maternal de uma escola municipal de Educação Infantil da cidade de Pelotas/RS. Minha proposta pedagógica foi levar a Cultura *Hip-Hop* no contexto da Dança na primeira infância, fazendo relação com o *Grafitti*, o *Hip-Hop Dance* e o *Tutting*. Este relato vai descrever como construí as atividades que desenvolvi com as crianças, bem como minhas descobertas.

**Palavras-Chave:** Estágio em Educação Infantil. Cultura *Hip-Hop*. Relato de experiência.

**Abstract:** The present work proposes to report the experiences lived in Early Childhood Education during the Dance Internship I of the Dance Degree Course at University of Pelotas (UFPel). In this curricular component, in which the student experiences teaching activities in early childhood education and/or the initial years of elementary school, I did teaching in a nursery class at a municipal Early Childhood Education school in the city of Pelotas/RS. My pedagogical proposal was to take Hip-Hop Culture in the context of Dance in early childhood, relating it to Grafitti, Hip-Hop Dance and Tutting. This report will describe how to build the activities I developed with the children, as well as my discoveries.

**Keywords:** Experience. Internship in Early Childhood Education. Hip-Hop Culture.

Jeferson Leonardo Manfroni Cabral; Andrisa Kemel Zanella; Ana Cristina Ribeiro Silva - A CULTURA *HIP-HOP* NA PRIMEIRA INFÂNCIA: RELATO DE UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.61, nº61, p. 1- 20, e1519, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



## Introdução

Este texto tem por objetivo relatar a experiência vivida como estagiário[1] do Curso de Dança Licenciatura[2] da Universidade Federal de Pelotas, em uma turma de maternal de uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Pelotas/RS. O estágio teve como temática a Cultura *Hip-Hop* no contexto da dança na primeira infância[3]. A proposta centrou-se em apresentar a Cultura *Hip-Hop* a partir de uma prática com dança, proporcionando também uma vivência com *Grafitti*.

A escolha por esse tema justificou-se pela minha trajetória de vida e formação. Sempre tive contato com a música desde pequeno, como: *Flashback*[4]*, Hip-Hop Music* e RAP Nacional, que são referências que vem da minha família. Na adolescência, isso ficou mais forte, em função dos videoclipes de *Hip-Hop* que assistia e tentava imitar. Foi nesse contexto que me tornei dançarino de *Hip-Hop dance* e escolhi cursar Dança-Licenciatura.

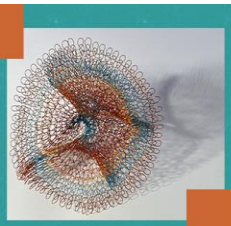
Durante o curso, tive a oportunidade de ampliar meu conhecimento com as disciplinas cursadas e as inúmeras atividades que me envolvi nos projetos de ensino, pesquisa e extensão. Tais atividades levaram-me a compreender que há espaços que vão demandar um estudo teórico mais aprofundado e outros em que a prática da dança se sobressai, mas ambos estão relacionados. Das experiências

[1] O texto é escrito em primeira pessoa, pois refere-se à prática vivenciada no estágio pelo acadêmico, já formado do Curso de Dança Licenciatura, autor desta escrita. No entanto, há coautoria, tendo em vista a parceria que se efetivou entre estagiário e orientadoras no decorrer do processo e após, resultando na escrita deste relato de experiência.

[2] Durante a graduação, o acadêmico do Curso de Dança Licenciatura tem a oportunidade de vivenciar a docência em três estágios obrigatórios: Estágio em Dança I, que contempla o público da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental; o Estágio em Dança II, que acontece em diferentes espaços educativos, mas vinculado à Educação Básica; e o terceiro e último estágio, Estágio em Dança III, com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

[3] A primeira infância abrange os primeiros seis anos completos ou 72 meses de vida da criança. Informação disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia#:~:text=A%20primeira%20inf%C3%A2ncia%20%C3%A9%20o,meses%20de%20vida%20da%20crian%C3%A7a. Acesso em: 17 abr. 2024

[4] Este termo está relacionado com as linguagens radiofônicas, para o gênero de música antiga referente aos anos 70 das discotecas (DISCO).



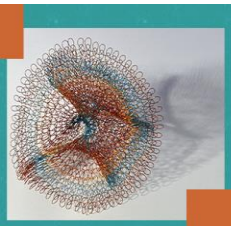
que foram significativas e que proporcionaram a compreensão da relação teoria e prática destaco o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e as oficinas que ministrei em workshops de dança.

Faz-se necessário destacar que o PIBID é um programa que tem por finalidade contribuir para a formação docente em nível superior, inserindo os discentes de cursos de licenciatura em escolas de educação básica pública brasileira. Integra a Política Nacional de Formação de Professores, vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Desde 2011, o Curso de Dança Licenciatura da UFPel faz parte do PIBID, a partir de um movimento que deu visibilidade e legitimou a dança enquanto área de conhecimento na escola. A participação no programa vem propiciando, desde seu início, a vivência no contexto escolar do(a) bolsista de iniciação à docência, acadêmico(a) do curso de dança, contribuindo para a sua formação e construção da identidade docente.

A minha inserção no PIBID foi de suma importância para eu compreender que estava me formando um professor de dança. Como saí do ensino médio e ingressei no ensino superior, o meu contato com a escola tinha sido como aluno da educação básica apenas. Retornar para esse contexto foi chocante. Tive que superar o medo e criar estratégias para ministrar uma aula. Contei com a supervisão da professora da escola, coordenadora de área e colegas.

Ser bolsista do PIBID contribuiu muito para eu pensar e repensar minha formação e postura para ser um bom professor, bem como proporcionou a articulação entre teoria e prática. Pouco a pouco fui ampliando meu repertório, o que resultou em convites para ser oficineiro em outras instituições. Diante dessas vivências, ao chegar nos estágios obrigatórios eu já me sentia mais tranquilo e preparado para assumir este novo desafio e atuar em diferentes espaços educativos.

Tais imersões foram tão importantes em minha constituição que, ao me deparar com o estágio com crianças pequenas, não tive dúvidas em unir a área de formação (dança) com o que vivo diariamente (a Cultura *Hip-Hop*) e construir



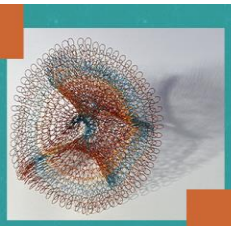
procedimentos para trabalhar no contexto da primeira infância. Busquei um caminho para abordar a Cultura *Hip-Hop* na escola de Educação Infantil inspirando-me no livro de Cristiane Correia Dias, "A pedagogia do *Hip-Hop*: consciência, resistência e saberes em luta" (2019), a partir da construção de um Diário de Bordo[5], em que registrei o processo, as atividades e o envolvimento das crianças em sala de aula.

Desta maneira, será apresentada e discutida, no decorrer desta escrita, a prática realizada no âmbito da Educação Infantil, entrecruzando saberes, experiências e reflexões sobre o vivido. A primeira parte traz uma breve contextualização do *Hip-Hop Dance* e do *Tutting*, para posteriormente adentrar o espaço escolar relacionando-o com a infância. As aprendizagens e as descobertas são colocadas em foco, desembocando nas considerações finais, que refletem o que foi aprendido. Busca-se, com este texto, contribuir para um pensar sobre a *Cultura Hip-Hop* no contexto da Educação Infantil.

## ***Hip-Hop Dance* e o *Tutting*: uma breve contextualização**

Para contextualizar a prática de estágio, julgo pertinente destacar estas manifestações artísticas-culturais de dança: o *Hip-Hop Dance* e o *Tutting*[6], ambas pertencem ao amplo guarda-chuva das danças afrodiaspóricas, com origem nos anos 1960-1970 nos Estados Unidos, conectadas à Cultura *Hip Hop* e presentes na cultura afro-brasileira desde a década de 1980. Portanto, essas danças apresentadas e experienciadas no estágio alinham-se às prerrogativas das Leis[7] que norteiam a política pública da educação das relações étnico-raciais. Vale ressaltar que a aplicabilidade da legislação já possui avanços, como a possibilidade desse

[5] Inspirei-me no site: https://dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/o-que-e-um-diario-de-bordo -e-como-usa-lo-na-educacao-infantil/
[6] Geometria Humana - Sadeck Waff para os Jogos Olímpicos de Paris 2024, um espetáculo de Tutting: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Pvf0O 9p51o Acesso em: 17 abr. 2024
[7] Leis n.os 10.639/2003 e 11.645/2008, que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir a obrigatoriedade das temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, respectivamente.



aprendizado com o estágio, contudo, ainda há muitos desafios para o emprego pleno desses marcos legais.

O *Tutting* é uma dança que geralmente é apresentada no repertório dos dançarinos da dança *Popping.* Resumidamente, a dança *Popping* possui como principal fundamento as contrações musculares chamadas de *Pop* ou *Ticking* (Cardoso; Ribeiro, 2011 p. 41), mas também um vasto repertório basilar, como o *Backslide,* popularizado mundialmente como *Moonwalk* pelo artista Michael Jackson; o *Fresno;* entre outros passos e danças com suas próprias especificidades estéticas[8]. No *Tutting* não há as contrações musculares, mas existe um tônus muscular que auxilia na exploração em ângulos usualmente retos (90 graus) em que os braços, antebraços, mãos, enfim, todo o corpo possa construir figuras geométricas simétricas ou assimétricas[9].

De acordo com Camargo (2013), ao mencionar a dança *Tutting*:

> presume-se que esta dança teve início através das simples imitações das poses da arte do antigo Egito. Porém com o retorno do original *Funk* nos anos 80, partindo das rotinas de movimento das técnicas do *Popping*, os dançarinos começaram a utilizar-se das mesmas poses com efeito cômico similar às ações do robô. Contudo as qualidades do movimento ficaram mais rápidas, devido aos ritmos da música eletrônica presentes nas Raves, e desta forma o *Tutting* começou a estabelecer movimentos angulares com dedos, pulsos, cotovelos e ombros para reproduzir os desenhos retos, muito mais ágeis e trocando imediatamente de uma travada para outra. (Camargo, 2013, p.119).

A Cultura *Hip-Hop* foi concebida inicialmente por cinco elementos[10]. De acordo com a Organização *Zulu Nation*[11]*,* são: Conhecimento; *DJ*; *MC*; *Graffiti*[12]; e o

[8] *Tutting, Boogaloo, Puppet, Robot, Gliding, Toy man, Waving, Liquid,* entre outros (Cardoso; Ribeiro, 2011, p. 44).
[9] *Boxing* (caixas), *Fixed line* (linhas), entre outras figuras técnicas. Destacam-se, também, as variações: *Fingers Tutting* e *Face Tutting*, que realizam as mesmas construções geométricas em uma proporção menor quando comparado com todo o corpo, exemplo: https://www.youtube.com/watch?v=7LIF0tXbE1E.
[10] Vale destacar que há outras interpretações dos elementos. E ampliações, como sugerido na Declaração da Paz do *Hip-Hop* entregue à ONU em 16 de maio de 2001.
[11] Site: https://www.zulunation.com/

*Breaking*, ou seja, a dança, o exercício, a expressão humana através do movimento corporal para se manter saudável. Os(as) dançarinos(as) que dançavam nas *"Block Parties"* nos bairros de Nova York, com as músicas mixadas pelos *DJs*, ficaram conhecidos como *B-Boy e B-Girl*. O *Breaking* foi a primeira técnica de dança, com ênfase na batalha, a se constituir como elemento da Cultura *Hip-Hop* nos anos 1970, o *Hip-Hop Dance* sempre esteve presente como uma dança de festa e teve o maior destaque nos anos 1980.

Segundo Cabral (2023), o *Hip-Hop Dance* é um gênero vindo dos clubes, sendo um estilo híbrido que dá oportunidades de brincar com alguns outros estilos, mas nunca perdendo a essência da *Hip-Hop Music*. Tal aspecto justifica chamarmos de *freestyle* por causa das misturas e combinações de outros estilos. Artistas podem expressar suas habilidades individuais criando seu próprio estilo seguindo o *Bounce, Rock, Skate, Roll, Boogie* e o *Break* na batida (Cabral, 2023, p. 22).

> (*Hip-Hop Party Dances*) Mas nem todo mundo poderia fazer os movimentos atleticamente exigentes de *Breaking*, nem estavam interessados em competição. E diferentes tipos de música Hip-Hop levaram as pessoas a se moverem de uma maneira diferente – uma maneira que é social, alegre e divertida. Com o advento de dançarinos como Buddha Stretch, nasceram as danças de festa do *Hip-Hop*! Alguns exemplos desses movimentos de dança social ou de festa incluem: *The Snake, Chicken-head, Cabbage Patch, Harlem Shake, and Running Man* (MA, 2022, P.1) "***tradução nossa***".

Vale ressaltar que compreender a estética africana na cultura *Hip-Hop* global (Osumare, 2007) auxilia o trabalho docente e é de fundamental importância para fortalecer os saberes plurais presentes em nosso cotidiano, bem como para respeitar as ancestralidades e as diversas histórias dos povos originários, negros e latinos. As suas contribuições se desdobram e transbordam nas "danças conectadas direta e indiretamente a Cultura *Hip-Hop"* (Silva, 2021), como pode-se verificar no labor

[12] De acordo com Vieira (2015, p. 3), "o *Grafitti* se tornou uma expressão de jovens das periferias. Se manifestando de diferentes formas de protestos, de expressão, de apropriação e de ressignificação de espaços de suas cidades. Essa arte teve sua origem em Nova York e em Berlim, no fim da década de 1960".

artístico e na pesquisa dessas manifestações artísticas-culturais no Brasil de hoje e também na concepção da Zulu Nation.

> Em 12 de novembro de 1973, Bambaataa criou a Universal *Zulu Nation* e, um ano depois, o Movimento *Hip-Hop*. Afrika Bambaataa percebeu nas diferentes expressões culturais e artísticas que emergiram entre os afro-americanos, afro-caribenhos e latinos da periferia do Bronx-Nova York uma forma de conter/manifestar os conflitos entre as gangues, através da formação cultural e do fortalecimento de suas identidades. (Bastos, 2020, p. 67).

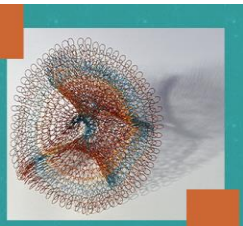
A autora Menezes (2010) ressalta as possibilidades de levar para a escola temas que estão relacionados com as lutas étnico-raciais e de matrizes africanas. Contudo, vale destacar que essas temáticas são o tema principal e não secundário na aula. De acordo com ela:

> Sua inserção é um elemento positivo na escola, onde se possibilita a construção de oficinas, espaços de prática educativas e leituras críticas com os participantes sobre a realidade e inclusive é um campo que agrega os princípios e valores que se relaciona com as lutas étnico-raciais por direito .(Menezes, 2010, p.15).

Diante do que foi apresentado, eis a relevância de levar para a escola a Dança e a Cultura *Hip-Hop*, buscando contribuir com o repertório das crianças e para a melhoria do ensino público e reconhecimento, segundo Dias (2019), da ancestralidade das culturas urbanas de matriz africana.

## Dança, Infância e Cultura *Hip-Hop*: relato das aulas de estágio

A dança na Educação Infantil cada vez mais tem sido foco de estudo, prática e reflexões. Mas o que e como trabalhar com crianças tão pequenas? Andrade e Godoy (2018, p. 30) me instigaram com possíveis pistas, ao proporem que “as crianças brinquem com seus corpos e inventem suas danças a partir de suas histórias corporais”. As autoras mencionam a possibilidade de enfocar as “Temáticas



da Dança" tendo como meio "jogos, brincadeiras, improvisação, imitação, faz de conta, entre outros" (Andrade; Godoy, 2018, p. 31).

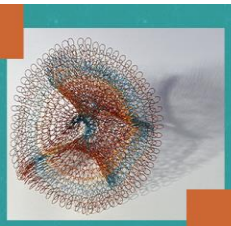
Diante disso, surgiu a ideia de abordar a Cultura *Hip-Hop* com crianças pequenas. Mas como fazer isso ludicamente? Eu, que somente havia trabalhado com um público com idade mais avançada, seria capaz de construir uma metodologia para a primeira infância? Como apresentar a dança e a Cultura *Hip-Hop* como um todo?

Não tinha certeza do que seria capaz de fazer ao iniciar o estágio. No entanto, ao focar-me nas experiências corporais que a dança proporciona, aliada à presença da Cultura *Hip-Hop* no cotidiano e na escola e no quanto ela impacta de alguma maneira na formação da identidade do indivíduo, não tive dúvidas de que era necessário lançar-me ao desafio e criar uma proposta entrecruzando Cultura *Hip-Hop* e dança como arte no contexto da primeira infância.

A observação[13] na escola, etapa fundamental para a realização da regência no estágio, possibilitou-me coletar inúmeras informações para a construção do projeto pedagógico a ser desenvolvido no Estágio em Dança I. Tal proposta focou na Cultura *Hip-Hop* a partir do desenho (*Grafitti)* e da dança. Para desenvolver o projeto de estágio, busquei na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) e no Documento Orientador Municipal de Pelotas (DOM) (Pelotas, 2020) as bases para a realização do trabalho, enfatizando dois campos de experiência: "Corpo, gestos e movimento"[14] e "O eu, o outro e o nós"[15]. A metodologia baseou-se na abordagem

[13] O estágio foi desenvolvido em uma turma de maternal II, com faixa etária de três anos, sendo composta de 18 crianças em sala de aula acompanhadas por uma professora regente e mais quatro auxiliares. Nessa turma tinham quatro alunos(as) com laudos, três autistas e um(a) com Síndrome de *Down*. A turma caracterizava-se por ser bem comunicativa e agitada. A rotina diária seguia um cronograma organizado que começava com café da manhã, atividades pedagógicas e tempo para brincar, almoço e soneca.

[14] Este campo de experiência auxiliou-me no planejamento pedagógico para a faixa-etária alvo do projeto de Estágio. Utilizei esse material para inspirar e criar as atividades voltadas à dança em meus planos de aula.



triangular proposta por Ana Mae Barbosa[16] (1998), direcionada ao ensino da dança, tendo como aporte teórico Marques (2010).

Em seu livro "Linguagem da Dança: arte e ensino", Marques (2010) evidencia que a abordagem triangular tem outros desdobramentos no contexto do ensino da dança. Ela coloca que:

> A abordagem triangular foi inicialmente cunhada e pensada para as artes visuais. Nos últimos anos, ao refletir, experimentar, ensinar sob essa perspectiva, deparei com algumas particularidades que dizem respeito, talvez, somente à dança. Por ser uma arte inserida, construída, perpassada e necessariamente mediada pelo/no corpo, a dança traz outras redes de leitura e de relações entre a produção, a apreciação(leitura) e a contextualização. (Marques, 2010, p. 148).

Apoiado nessa autora, apostei na ideia de apresentar e contextualizar o conteúdo, experienciar corporalmente e apreciar a dança valorizando "a afetividade, o aspecto coletivo, participativo, partilhado e compartilhado de experiências por parte dos seus principais autores/atores" (SILVA, 2012, p.127). Levei em consideração os aspectos culturais e sociais das crianças para a realização das atividades.

Também me ancorei no pensamento de Paulo Freire (1996), a partir de uma educação que investe no diálogo, na problematização, na transformação e na humanidade. Parti da perspectiva de que é na convivência com os(as) alunos(as) e em assumir uma postura aberta e curiosa, provocadora do ato de conhecer, que se dá o respeito à autonomia e dignidade do educando.

Priorizei uma prática voltada à curiosidade, à amorosidade, ao respeito e ao processo educativo como ato de conhecer, trazendo a roda de conversa como

[15] No momento em que planejava as aulas, eu consultava os objetivos desse campo de experiência no Documento Orientador Municipal de Pelotas (DOM) (Pelotas, 2020) para elaborar minha proposta de atividade. Posteriormente, indicava o código correspondente no plano de aula.

[16] Ana Mae Barbosa, entre a década de 1980 e 1990, sistematizou a abordagem triangular como uma proposta ao ensino da arte. Para ela, a construção do conhecimento em arte agrega um caráter epistemológico perpassado por três ações: fazer artístico, apreciação/leitura da obra e contextualização. Tais ações podem ser trabalhadas conjuntamente, separadamente ou de maneira interdisciplinar (Barbosa, 1998).

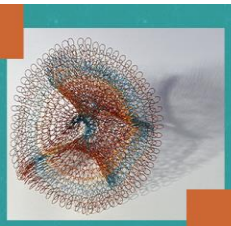
instrumento para iniciar as aulas. Para Andrade e Godoy (2018, p. 75), “a roda de conversa serve também para acolher as crianças e pode auxiliar a conhecê-las, mapeando e identificando os comportamentos individuais e de grupo”. Em roda eu acolhia a turma e escutava com atenção suas histórias e o que sabiam sobre o conteúdo que íamos trabalhar em cada aula. Instigava a partilharem seus questionamentos e dúvidas, estando atento às suas curiosidades e desejos. A avaliação foi processual, considerando o envolvimento, a evolução e o sentido construído por elas nas atividades propostas.

A primeira proposta que apresentei em relação à Cultura *Hip-Hop* foi o desenho - *Grafitti.* Essa escolha se justifica pela escola ter em seu pátio desenhos grafitados, o que possibilitou uma relação direta entre a temática do projeto e a realidade vivida pelas crianças. Inicialmente, contextualizei sobre a temática da aula e disponibilizei desenhos impressos para colorirem, dialogando sobre essa forma de expressão tão presente em nosso cotidiano. Na aula seguinte, fiz uma trilha de setas com cartolinas de cores diferentes que levavam até a parede grafitada no pátio externo da escola. A intenção foi exercitar a apreciação do *Grafitti* na parede, fazendo relação com desenhos pintados em sala de aula.



*Figura 1: Setas e a trilha.*
*Fonte: Arquivo pessoal (2022).*

Em relação à dança, busquei enfocar a coordenação motora, utilizando



brincadeiras com o espaço e alguns elementos do *Hip-Hop Dance* pensados de acordo com a faixa etária das crianças, promovendo o fazer artístico. Segundo Andrade e Godoy (2018, p. 56), "a brincadeira como recurso pedagógico na dança permite que a criança seja produtora e protagonista de diferentes formas de execuções de movimento com a função de experienciar, criar, traçar relações artísticas e estéticas com o mundo". Para dar conta dessa proposição, apostei nos passinhos do *Social Dance (Hip-Hop Dance)* e no *Tutting,* que acabou sendo inserido para fazer referência ao Egito Negro[17].

A apresentação do conteúdo se deu a partir de imagens. Ou seja, propus uma sequência de *Tutting* com movimentos simétricos com os braços fazendo referência aos faraós do Egito. Foi uma atividade que instigou a imaginação das crianças e a corporeidade, levando-as a experimentarem o *Tutting* de uma maneira lúdica e adequada para a faixa etária. Também apostei na brincadeira de estátua para explorar outras possibilidades corporais com os braços e com o corpo todo.

O jogo da velha foi escolhido para trabalhar a coordenação motora. Iniciei com uma sequência que tinha por objetivo a lateralidade e o movimento para frente e para trás. Contudo, num determinado momento, as crianças propuseram pular no quadrado, trazendo um ritmo para o que estava sendo proposto. Posteriormente, realizamos a sequência do jogo da velha, com o objetivo de assimilar a mecânica dos passinhos. Essa introdução possibilitou-me inserir os passos básicos do *Hip-Hop,* iniciando com o *Bounce,* que é o balanço partindo das flexões de joelhos, as inclinações (balanço) laterais, frente e trás.

[17] Menção sobre os povos do Antigo Egito para relembrar que o Egito é, de fato, Africano.

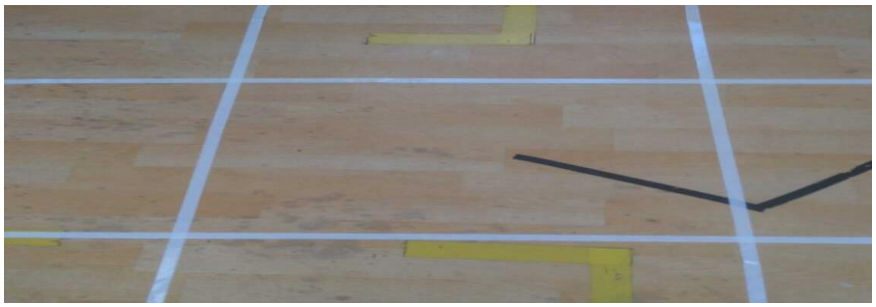


*Figura 2: Jogo da Velha.*
*Fonte: Arquivo pessoal (2022).*

No decorrer das aulas criei também uma sequência de *Tutting* enfatizando as posições simétricas, com variação de direção (frente, em cima e ao lado). Para explorar os movimentos amplos com os braços e todo o corpo, propus que desenhassem com giz de cera em um papel pardo, utilizando os braços e todo o corpo. Foi nesse momento que surgiu a ideia de fazer um Diário de Bordo com as atividades feitas em aula pelas crianças para apresentar no final do processo.

Aproximando-se do final do estágio trabalhei o *ticking* – que é basicamente a contração e relaxamento do tônus muscular – *e o slide.* Convidei as crianças para brincar e imaginar que estavam levando choque. Depois seguimos com o *slide,* que é a técnica de deslizar com os pés. Propus explorar os espaços da sala de aula deslizando, ou melhor, arrastando os pés no chão. Essa atividade foi pensada para explorar os espaços da sala de aula porque eles sempre brincavam num tapete que ficava no cantinho da sala.

O último encontro de estágio na escola foi marcado pela união dos elementos: o *Grafitti* e a dança. Convidei a artista Carla Gisele Correa Silveira[18], estudante do Curso de Artes Visuais da UFPel, que apresentou seu trabalho para as crianças. Nesse dia, eu e minhas colegas do curso, que faziam estágio no mesmo local, nos apresentamos no palco da escola fazendo um improviso que chamamos de *Freestyle* como fechamento do estágio na escola. Em sala de aula apresentei o

[18] Instagram @ateliedacarlagisele

diário de bordo no mural da turma. Como foi apresentado no último dia de aula, não tive a oportunidade de discutir os resultados com a turma em função do término das ações na escola.



*Figura 3: Diário de Bordo.*
*Fonte: Arquivo pessoal (2022).*

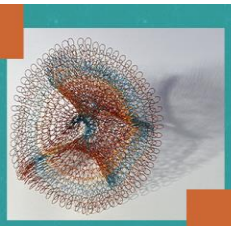


*Figura 4: Trabalhos apresentados pela Artista Convidada - Carla Corrêa.*
*Fonte: Arquivo pessoal (2022).*

**Descobertas e aprendizagens: reflexões**

O início do estágio foi muito significativo para mim, pois mesmo cursando uma licenciatura, não me enxergava sendo professor em uma escola de Educação Infantil. Não imaginava uma possibilidade entre o que eu fazia e a docência para crianças. Minha sensação era de que não daria certo. No entanto, isso não foi impedimento para me lançar ao desconhecido e tentar.

Quando estava construindo o projeto de estágio eu tinha muita dúvida sobre o conteúdo, por isso eu escolhi os desenhos como primeira alternativa de atividade. Contudo, quando eu vi as crianças cantarem e dançarem “desenrola, bate, joga de



ladinho" (*funk* carioca[19]) por causa do *Tik Tok*[20], foi o momento que eu optei em fazer planos de aula mais específicos com a dança.

Na primeira aula que ministrei me senti um pouco nervoso porque nunca tinha trabalhado com crianças tão pequenas. Deparei-me com o desafio de organizá-las, necessitando da ajuda das professoras. Observei que as crianças cansavam muito rapidamente, sendo necessário ter "cartas na manga". Fiquei admirado com a euforia das crianças em irem da sala de aula até o pátio através das setas, e quando se depararam com o B de (Nome da Escola) no *Grafitti*. Observando-as compreendi como se relacionam com o seu entorno e as relações que fazem a partir dos seus conhecimentos.

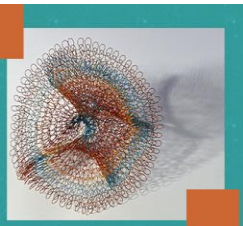
Outro aspecto que me surpreendeu foi o protagonismo das crianças no momento em que estava realizando o jogo da velha. De maneira espontânea, elas começaram a pular no quadrado. Foi super empolgante observar a ludicidade delas como elemento a transformar o que estávamos fazendo. Por isso, deixei elas experimentarem livremente, corporificando sua imaginação. Fiquei um pouco preocupado no início, por não terem entendido a proposta, mas no final percebi que a diversão foi o elemento que fez a diferença para que o objetivo fosse alcançado.

Busquei, no decorrer de todo o estágio, promover o diálogo. Isso não foi diferente no final, principalmente ao explicar que estávamos encerrando nossos encontros. Minha preocupação foi anunciar para todas as crianças, mas principalmente para as crianças autistas, de que não retornaria mais. Acredito que devemos ter uma conduta mais reflexiva e sensível em nossas práticas, como adentrar esses espaços e como devemos anunciar nossa saída, ainda mais com crianças pequenas.

---

[19] Estilo musical originado nas favelas do Rio de Janeiro em meados 1980, que tem influência do Miami Bass Norte Americano. Apesar de ser chamado de *Funk*, não é o mesmo *Funk* dos Estados Unidos, com ele vem os encontros chamados de ''Baile *Funk','* onde encontramos os passinhos de dança chamados de ''passinho foda''.

[20] Aplicativo de mídia social para criar e compartilhar vídeos curtos. Hoje em dia está muito presente no cotidiano das crianças e adultos.



Ao trabalhar essa pequena introdução do *Hip-Hop Dance* e *Tutting* nas aulas com conexão ao *Graffiti*, percebi que enfoquei os três elementos da cultura *Hip-Hop*: *Graffiti,* Dança (*Hip-Hop Dance* e *Tutting*) e Conhecimento. Reconheço que o período de estágio foi curto e que as crianças tiveram apenas uma noção sobre o *Hip-Hop*. No entanto, se elas lembrarem das relações com o *Graffiti* e da dança com a Cultura *Hip-Hop* meus objetivos foram atingidos. Espero ver mais práticas pedagógicas e estudos que dialoguem com os gêneros *Hip-Hop Dance* e *Tutting* com a dança na infância.

Considero que no decorrer das aulas os três aspectos que caracterizam a abordagem triangular (fazer, apreciar e contextualizar) foram trabalhados, resultando em um processo de conhecimento que se materializou no envolvimento das crianças nas atividades desenvolvidas. No início, elas estavam com medo de mim e algumas choravam. Contudo, participavam e demonstravam interesse pela temática e pelas aulas de dança.

Para finalizar, julgo coerente ressaltar que as aulas que eu ministrava eram acompanhadas pela professora e pelas auxiliares. Acredito que isso ajudou bastante para o bom andamento das atividades com as crianças. Fiquei muito comovido quando recebi uma cartinha e caixa de bombons das professoras e da turma, como forma de reconhecimento. Foi um período desafiador, mas ao mesmo tempo, muito entusiasmante, que repercutiu em uma valorização da docência. Antes não me via como professor na Educação Infantil, mas depois do Estágio passei a considerar essa possibilidade.




*Figura 5: Cartinha das professoras e dos alunos - Turma 2A.*
*Fonte: Arquivo pessoal (2022).*

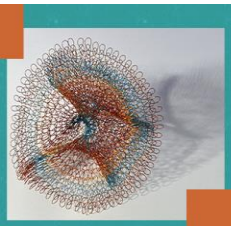
## Considerações finais

Ao refletir sobre o que vivi, pude avaliar melhor esse momento e pensar em minha formação acadêmica. Tornei-me profissional pelos erros e acertos, mas principalmente pela postura em querer sempre melhorar a metodologia que vai ser desenvolvida num espaço escolar direcionado à Educação Infantil, como é o caso do local onde realizei o estágio.

Considero que a prática do estágio foi muito positiva, porque no início, antes de adentrar na escola, eu imaginava que seria difícil. Por mais que eu já tenha ministrado aulas, imaginei que eu não daria conta de crianças de maternal. Entretanto, tudo foi ao contrário, eu próprio me subestimei, e foi incrível observar como direcionei a temática para a turma. O que me ajudou foi as dicas da minha orientadora, como também ouvir as crianças para saber como estava acontecendo o processo.

Compreendi que a dança como arte

> possui saberes próprios, e que traz aspectos da criação, imaginação, fruição, expressão, entre outros que podem ser experimentados por meio do corpo que dança. [...] por meio desta abordagem, a criança pode entrar em um universo de experiências corporais dançadas, artísticas e estéticas, bem como, estabelecer relações de diálogo com sons, imagens, palavras e



> narrativas que permitem uma leitura e uma releitura diferenciada delas, dos outros e do mundo. (Andrade; Godoy, 2018, p.30).

Identifico que esta proposição de Dança, Infância e Cultura *Hip-Hop* possa ser mais explorada em outros estudos, bem como pensar em outras maneiras de incluir a Cultura *Hip-Hop* na escola. E que ela possa ser protagonista, não como um tema de estudo para preencher um calendário, mas que tenha continuidade. Infelizmente não consegui ter um retorno em função do período do estágio. Sobretudo, gostei da minha iniciativa de incluir os três elementos da Cultura *Hip-Hop*: *Graffiti,* Dança (*Hip-Hop Dance* e *Tutting*) e Conhecimento no contexto da Educação Infantil.

**Referências:**

ANDRADE, Carolina Romano; GODOY, Kathya Maria Ayres de. *Dança com criança:* propostas, ensino e possibilidades**.** Curitiba: Appris, 2018.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

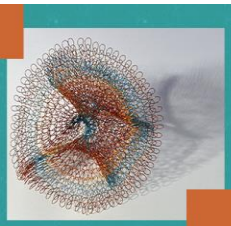
BASTOS, Pablo Nabarrete. Contribuições Históricas do Movimento Hip Hop para Luta contra o Racismo e para a Comunidade da Juventude Negra e Periférica. *Revista de comunicação dialógica UERJ*, n. 3, p. 65-80, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.12957/rcd.2020.50369. Acesso em: 13/12/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017.

BRASIL. *Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008*. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.18 de abr. de 2010.

CABRAL, Jeferson Leonardo Manfroni. *Batalhas da Vida:* Um estudo das Batalhas de Dança e a preparação dos/as artistas de Hip Hop Dance. Trabalho de Conclusão de Curso de Dança Licenciatura - Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas RS, 2023. Disponível em: https://pergamum.ufpel.edu.br/acervo/125726 Acesso em: 10 mar. 2024.

CAMARGO, Emerson. *Dança de relações e experimentação***.** Curitiba, PR: Editora Íthala, 2013.



CARDOSO, Ricardo, RIBEIRO, Ana Cristina. Dança de Rua. Campinas - Editora Átomo. 2011.

DIAS. Cristiane Correia. *A pedagogia hip hop:* consciência, resistência e saberes em luta. 1.ed. - Curitiba: Appris, 2019.

MA, Jessie. *What Is Hip Hop Dance?* Learn the History & Moves at Home. Disponível em: https://www.steezy.co/posts/what-is-hip-hop-dance. Acesso em: 19 abr. 2023.

MARQUES, Isabel A. *Linguagem da dança*: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

MENEZES, J. D. A. COSTA, M. R. FERREIRA, D. D. F. T. *Escola e movimento Hip Hop:* O campo das possibilidades educativas para a juventude. ETD - Educação temática digital, 12(esp.) 83-106. UNICAMP, SP, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.20396/etd.v12i0.861 Acesso em: 23 jul. 2023.

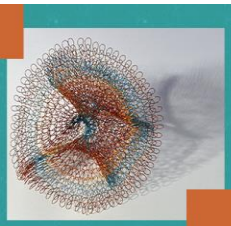
OSUMARE, Halifu. The Africanist aesthetic in global hip-hop: power moves. Palgrave Macmillan. 2007

PELOTAS. *Documento Orientador Municipal* - Referencial Curricular da Rede Municipal de Pelotas. Pelotas, 2020.

SILVA, Ana Cristina Ribeiro. Um diálogo possível entre Cultura Hip Hop e a educação somática: criação de procedimentos coadjuvantes para os artistas das danças Breaking, Hip Hop dance e Krump = A possible dialogue between Hip Hop Culture and somatic education: the creation of supporting procedures for artists of Breaking, Hip Hop dance and Krump. 2021. 1 recurso online (200 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/2508. Acesso em: 11 jun. 2024.

SILVA, Maria Eleni Henrique da. Formação permanente relacional numa leitura de Paulo Freire. In: FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque; SILVA, Maria Eleni Henrique da (orgs.). *Formação Humana e Dialogicidade III:* encantos que se encontram nos diálogos que acompanham Freire. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 126-157.

VIEIRA, Flávia Pagani. *Fatores intervenientes nas performances de improvisação de dançarinos de Hip Hop na batalha de dança.* Trabalho de conclusão de curso Tese (EDF Bacharelado), UNESC. Dez, 2015. Disponível em: http://repositorio.unesc.net/handle/1/4263 Acesso em: 15 jun. 2023.



_____. CTut - Do You? Face & Finger Tutting Dancersglobal.tv. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7LIF0tXbE1E Acesso em: 5 jun. 2024.

**Jeferson Leonardo Manfroni Cabral**
Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dança. Agente Cultural,Artista, pesquisador, intérprete-criador e Professor de Dança. Atuante na dança desde 2014, Ministrou aulas de dança no Studio da Dança Thomas Marinho e na ONG Otroporto, E integrante e Co-diretor do grupo Coletivo de Dança de Pelotas, Organiza juntamente com Francine Lemos os Eventos de dança Interação Urbana, Intensivo de Hip Hop e Intensivo de Verão. Formado em Dança Licenciatura pelo curso de Dança UFPEL, o artista professor estuda as Danças Afrodiaspóricas e seus estilos específicos como: Hip Hop Dance, Tutting e Waacking. Fez aulas em Eventos como FIDU Festival-edição Virtual, Hip Hop District em São Paulo, ganhou bolsa de estudo CSDF Campinas Street Dance Festival na edição Online. Além de participar de videoclipes e fazer parte de shows ao vivo com artistas locais.
**ORCID:** https://orcid.org/0009-0002-3279-4928
**E-mail:** jefersoncabral1996@hotmail.com

**Andrisa Kemel Zanella**
Professora adjunta dos Cursos de Dança-Licenciatura e Teatro-Licenciatura no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - Linha: Narrativas (auto)biográficas, cultura escrita, Linguagem e Inclusão. Líder do GEPIEM - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (UFPel/RS).
**ORCID:** https://orcid.org/0000-0001-9769-9679
**E-mail:** andrisakz@gmail.com

**Ana Cristina Ribeiro Silva**
Na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) é docente no curso de Licenciatura em Dança, responsável pelos componentes curriculares: Laboratório de Danças Urbanas e Anatomia-Cinesiologia, coordena o projeto de pesquisas L.U.A. (Laboratório Ubuntu Afeto/Arte/Afrodiaspóricas/Américas) também é pesquisadora-colaboradora do Grupo de Pesquisa LABCAPO - Laboratório Capoeira (UFRJ) e OMEGA - Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel). B.Girl, idealizadora da companhia de dança Eclipse e da crew SAMBA B.Girls. Atua com preparação corporal, direção artística e produção de eventos. Foi responsável

juntamente com Kico Brown em realizar a Battle Of The Year no Brazil em 2007. Fez graduação em Educação Física, é Mestre e Doutora em Artes da Cena pela Unicamp.
**ORCID:** https://orcid.org/0000-0001-8370-0704
**E-mail:** ana.cristina@ufpel.edu.br

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 24 de abril de 2024
Aceito em 20 de junho de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/